

A "PSICOLOGIA" NA OBRA DE BIAGIO PELACANI DA PARMA: UMA ABORDAGEM NATURALISTA

Marina Massimi
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

RESUMO - O artigo apresenta a contribuição de Biagio Pelacani da Parma (1347-1416), filósofo, astrólogo e matemático do século XVI, no âmbito da História das Idéias Psicológicas. Biagio, que foi docente nas mais prestigiosas universidades italianas da época, escreveu vários tratados, entre os quais um comentário ao texto aristotélico "De Anima" (1385) e as "Quaestiones de Optica" (1390). O interesse desses dois textos para a História das Idéias Psicológicas está no fato do autor propor neles uma visão de homem e um esboço de Psicologia inspiradas num racionalismo materialista e fundadas numa concepção astrológica determinista. Nessa abordagem, a Psicologia é considerada como parte do domínio da Filosofia Natural e não da Ética ou da Teologia.

Palavras-chave: história da psicologia, racionalismo materialista, filosofia natural, determinismo astrológico.

"PSYCHOLOGY" IN THE THOUGHT OF BIAGIO PELACANI DA PARMA: A NATURALIST VIEW.

ABSTRACT - The article presents the contribution of Biagio Pelacani of Parma (1347-1416), philosopher, astrologer and mathematician of 16th century to the History of Psychological Ideas. Biagio, a very famous professor of the most prestigious Italian universities of that time, wrote many treatises, such as a comment on the Aristotelic treatise "De Anima" (1385) and "Quaestiones de Optica" (1390). The interest of these two texts for the History of Psychological Ideas lies on the fact that the author proposes a view of man and a sketch of Psychology inspired on a materialistic racionalism based on an astrological deterministic conception. According to this approach Psychology is considered as a part of the Natural Philosophy and not of Ethics or Theology.

Key-words: history of psychology, materialistic racionalism, natural philosophy, astrological determinism.

Endereço: Rua Angatuba 492, 01247 São Paulo SP.

BIAGIO PELACANI: ENTRE IDADE MÉDIA E HUMANISMO

A figura de Biagio Pelacani (1347-1416) coloca-se no contexto da universidade medieval. Com efeito, por suas características de investigador interessado no estudo de objetos amplos e variados e pela atividade de professor que ele exerceu quase até à morte em diversas escolas superiores da Europa, Biagio representa bem a postura do intelectual universitário de sua época. Ao mesmo tempo, porém, Pelacani possui características que o tornam precursor da nova visão do conhecimento e do espírito científico próprios dos séculos XV e XVI, pois autodefine-se "Philosophus Naturalis" e teoriza a necessidade de uma separação radical entre a razão e a fé. Para ele, a razão teria a possibilidade de alcançar a certeza e a verdade por si mesmas.

Nascido na cidade italiana de Parma, por volta de 1347, Pelacani iniciou suas atividades docentes junto à Universidade de Pavia a partir de 1376, responsável pelo ensino de Filosofia, Lógica e Astrologia. Posteriormente ensinou nas Universidades de Pavia (1379-1382), Bologna (1387-1388), Padova (1384-1386; 1407-1411), Firenze (1388-1389), Piacenza (1399-1402), novamente Pavia (1389-1398), e por fim na Universidade de Parma, sua cidade natal, onde faleceu em 1416.

Sua produção intelectual, desenvolvida paralelamente à intensa atividade docente, é muito ampla: autor de numerosas obras (quase todas elaborações de apontamentos de aulas coletadas pelos alunos), não apenas redigiu comentários dos escritos aristotélicos, como também difundiu nas universidades da Itália textos relativos às questões científicas e filosóficas mais relevantes na cultura da época.

Os tratados de Pelacani podem ser classificados em: (1) tratados e questões sobre escritos de autores medievais (acerca da Física, Lógica, Matemática, "Perspectiva"): as "Quaestiones Dialecticae" (Pavia, 1347-1378); as "Quaestiones Perspectivae" (Pavia, 1374-1390); as "Quaestiones super Tractatum de Proportionibus Thomae Bradwardini" (Firenze, 1388-89, Pavia, 1389-1407); (2) comentários acerca de textos aristotélicos: as "Quaestiones de Coelo" (Bologna, 1378-82), as "Quaestiones de Anima" (Padova, 1384-86); as "Quaestiones de Sphaera" (Paris, 1388), as "Quaestiones Phisycorum" (Padova, 1382-88; Pavia, 1397); as "Quaestiones Me-theororum" (Padova, 1382-88); as "Conclusiones de Generatione et Corruptione" (Bologna, 1382); (3) escritos de Astrologia Prática: o "Judicium Revolutionis anni 1405" (Paris, 1405) e uma "Quaestio de Praedestinatione", obra de natureza teológico-moral, desaparecida.

A estrutura dessas obras segue o modelo escolástico tradicional, sendo articulada em "Lectio" (leitura do texto a ser comentado); "Expositio" (análise em profundidade do texto e interpretação); "Quaestio" (discussão e questionamento do texto); e "Disputatio" (discussão da quaestio). Existem várias cópias manuscritas de tais livros nas Bibliotecas italianas e edições impressas de alguns textos, organizadas por Graziella Federici Vescovini e Franco Alessio.

O presente estudo limitar-se-á à análise de alguns aspectos presentes em duas obras de Pelacani e concernentes temas de natureza psicológica. Os escritos considerados são as "Quaestiones de Anima" - redação das aulas ministradas na Universidade de Padova - e as "Quaestiones Perspectivae", em particular a parte relativa ao problema da percepção visual.

O interesse desses documentos para a História das Idéias Psicológicas está

no fato do autor propor neles uma visão de homem e um esboço de Psicologia inspirados num racionalismo materialista e fundados numa concepção astrológica determinista. A teorização da necessária e absoluta separação entre fé e razão permite a Pelacani formular doutrinas acerca do homem em aberta contradição com as da Teologia e da Filosofia escolástica da época. Segundo ele, o método da razão utilizado pela Filosofia e o método da fé próprio da Teologia são incompatíveis: o "fidelis", portanto, deve abandonar o exercício da Filosofia assim como o filósofo deve renunciar à fé religiosa aceitando unicamente as certezas que são produtos da razão, da observação e da experimentação: "Eu quis dizer isso tendo um objetivo: fazer com que tu não aproximes opiniões entre si contrárias acerca da separação entre alma e corpo e da imortalidade da alma. Portanto, nas questões, a respeito das quais tu, queiras afirmar tua fé, ou seja acreditar, tu deves renunciar aos hábitos filosóficos (pois esses exigem verdades evidentes), ou, se for o contrário, tu deves abandonar a fé em Cristo" ("Qu. de Anima", I, 8: ed. 1974: p. 71)¹. Biagio identifica dessa forma o âmbito religioso com o do sobrenatural, um sobrenatural totalmente transcendente à realidade terrena e absolutamente espiritual.

Evidentemente essa posição opunha-se radicalmente à relação de interdependência entre fé e razão, Teologia e Filosofia, teorizada pelo Tomismo medieval. Apesar de Biagio ter recebido por causa disso críticas e censuras e até ter sido convocado pelo Bispo de Pavia para uma refutação pública de suas teses, nem por isso modificou substancialmente sua posição ou teve que abandonar o cargo de docente com o conspícuo salário. Se isso, de um lado, depõe a favor da personalidade original e inovadora desse pensador, de outro lado, documenta o clima de relativa liberdade intelectual que caracterizava o ambiente universitário da época.

A razão, para Biagio, é o único instrumento que o homem possui para procurar a verdade. Ela é uma capacidade natural do homem e seu funcionamento independe da existência de verdades sobrenaturais, ou de um Deus transcendente, ou de um intelecto divino único e universal. A certeza e a universalidade da razão se fundamentam em sua intrínseca capacidade de desenvolver o raciocínio matemático. A matemática, portanto, é a ciência pura, enquanto que a Filosofia Natural (à qual pertence também a Psicologia) é uma ciência de nível inferior.

A "PSICOLOGIA" NO PENSAMENTO DE BIAGIO PELACANI

Segundo Pelacani, o estudo da Psicologia (ou "De Anima") pertence à Filosofia Natural e não à Ética e à Teologia. Nesse sentido, no comentário ao texto aristotélico, Biagio desenvolve um caminho radicalmente oposto ao percorrido por São Tomás de Aquino e os filósofos do século XIII, os quais procuravam estabelecer um nexa entre a moral, a religião e a teoria aristotélica.

¹ "Et haec dixisse volo ad hunc finem, ut contrarias opiniones insimul non coniungas de separatione animae a corpore et de eius perpetuitate, ita quod, ubi tu intendas fidem sustentare, cujus est credere, depones tunc habitum philosophicum, cujus est notitiam habere evidentem. Et ubi converso, te fidem Christi oportet relinquere."

Biagio define a Psicologia como ciência natural, seguindo o sentido originário da visão aristotélica, que a colocara no "Liber Sextus naturalium". Entre as "quaestiones" propostas no comentário de Pelacani, algumas parecem particularmente significativas pois contêm conceitos inovadores ou críticos com relação à doutrina escolástica tradicional. A "Quaestio I", por exemplo, aborda o problema da "alma intelectiva" ou "racional" e, em particular, afirma a tese de sua inseparabilidade do corpo. Pelacani discute os "argumenta" que justificam a divisão entre corpo e alma, refutando-os.

É particularmente curiosa a análise de um "argumentum" próprio do senso comum. O "argumentum" se baseia num caso de observação empírica: um camponês analfabeto, tomado por um furor maníaco, começara de repente a escrever, ler e falar em forma correta. O evento não poderia ser explicado pelas capacidades racionais do camponês, até então ausentes. A explicação do fenômeno popularmente fornecida é a de que este seria causado pela repentina presença da alma de um defunto no corpo do camponês. Se isto for verdade, haveria um exemplo evidente de separação entre corpo e alma, pois a alma de um sujeito poderia associar-se ao corpo de outro. Biagio recusa o "argumentum" e propõe uma interpretação alternativa: não é a alma de outro homem que se manifesta dessa forma extraordinária no corpo do camponês determinando o inusitado comportamento do mesmo, e sim são as "inteligências angélicas da ordem dos Querubins, que foram caçadas do céu, porque queriam ser iguais a Deus", (ed. 1974, p. 82), ou seja os demônios.² O exemplo citado seria portanto um caso de possessão diabólica.

Quanto à natureza da alma intelectiva, Biagio nega sua incorruptibilidade. A alma não é uma substância peculiar, mas é produto da matéria e todas as suas operações dependem do corpo.

Quanto à origem do homem, Pelacani afirma este ser derivado da matéria, sem necessidade de postular causas sobrenaturais (por exemplo, um Deus criador). O processo de geração poderia ter início na putrefação da matéria umedecida, juntamente com o concurso das influências astrais. Com efeito, o poder dos astros age sobre a matéria transformando-a e melhorando sua "virtude" até produzir formas cada vez mais complexas - como por exemplo o homem: "Portanto, é preciso admitir que, devido à propícia figuração astral, o homem foi gerado na região intermédia. Da mesma forma, a constelação pode aperfeiçoar e dispor cada vez melhor a matéria. De fato, nada impede que a mesma matéria, assim predisposta pela ação de causas puramente naturais, receba formas capazes de entender, realizar siogismos etc..., ou seja formas que costumamos definir como faculdade intelectiva." (De Anima, ed. 1974, p. 79).³

Em conclusão, se o homem deriva da matéria pela modificação dessa sob a influência astral, então a alma intelectiva que caracteriza o homem é produto da virtude da matéria e, como esta, é corruptível e mortal. Uma consequência importante de tal concepção acerca da alma racional do homem é a não distinção entre esta e as almas sensitiva e vegetativa - distinção que, postulada por Aristóteles, tinha sido reto-

² "Intelligentiae quae alias repulsae fuerant a caelo de ordine cherubini... intendebant parificari Deo."

³ "Ergo est concedendum, ratione bonitatis constellationis, quod homo potest generari in media regione. Etiam potest constellatio quantumlibet meliorari et matéria quantumlibet melius et melius disponi. Nihil, ergo, prohibet quin matéria ilia, sic praeparata ex puris naturalibus, non recipiat formam quae habebitvirtutem discernendi, silogizandi, etc... quae a vulgaribus intellectiva nominatur."

mada e aceita pelos filósofos medievais. Opondo-se a essa tradição, Biagio defende a impossibilidade de separar a alma em partes, baseando-se nas seguintes razões:

- a. Se acreditarmos que a alma intelectual define a essência do homem, assim como a sensitiva define a do animal e a alma vegetativa define a essência da planta, então teríamos que admitir que o ser humano - possuindo ao mesmo tempo os três tipos de alma - em virtude de cada um deles seja contemporaneamente homem, animal e planta. A falsidade desse argumento é evidente.
- b. Podemos considerar as diferentes operações da alma - viver, sentir e entender - como expressões de uma mesma e única alma, assim como o frio e o calor, a luz e a escuridão são formas diversas de uma idêntica matéria.
- c. Se admitirmos que a existência de diversos tipos de alma se deduz a partir das diferentes operações dos seres, então deveríamos concluir que a ausência dessas operações implicaria, necessariamente, a ausência da alma. Portanto, o recém-nascido, incapaz de elaborar operações intelectuais, não deveria possuir a alma racional e por isso não seria um homem.

A doutrina de Biagio acerca da materialidade e da unidade da alma humana tem uma consequência importante para a Psicologia: a continuidade qualitativa entre sensação, memória, juízo e raciocínio. Com efeito, a capacidade intelectual é intínseca à sensação. Toda sensação é uma ação sobre a realidade e não apenas recepção passiva (sensação agente).

Um aspecto particularmente interessante da discussão de Biagio sobre os fenômenos sensoriais é a explicação por ele fornecida do fenômeno das ilusões óticas ("apparentiae"), nas "Quaestiones Perspectivae" (1374-78). Sua atitude precursora do espírito científico e da nova visão do conhecimento dos séculos XV e XVI, revela-se na preocupação de explicar em termos de causas naturais todos os fatos observados, até os mais extraordinários. Com efeito, Pelacani se propõe a estudar o fenômeno das ilusões óticas utilizando as leis da Física: desse modo, interpreta-o como efeito da refração e reflexão atmosféricas. Um caso curioso que o autor cita para aplicar seu modelo explicativo é uma "apparentia" ocorrida na cidade de Milão, que na época tinha despertado muito interesse. Trata-se da visão que vários moradores da cidade tiveram olhando para o céu e vendo uma multidão de anjos correr no meio das nuvens. O fato foi relatado como evento milagroso. Para Biagio, trata-se simplesmente de um engano da visão causado pela reflexão, nas nuvens do céu, da estátua do anjo localizada acima da Igreja de São Gotardo, na cidade lombarda. As nuvens funcionaram como um espelho que refletia e multiplicava, pelo fenômeno da refração, a imagem da estátua, criando a impressão anteriormente descrita.

Para finalizar a exposição das idéias psicológicas contidas nas obras de Biagio Pelacani, é preciso citar a doutrina da vontade humana. Para Biagio, essa não é a causa ativa de suas ações, sendo parcialmente determinada pelo movimento dos astros. Nesse ponto, a cultura astrológica do autor torna-se evidente. Todavia, isso não nos deve induzir a considerar a concepção astrológica de Biagio como uma forma de pensamento não racional, supersticioso, ou extravagante. Pelo contrário, na época, a Astrologia era reconhecida como ciência a todos os direitos. Cabe citar aqui o comentário de Graziella Federici Vescovini a respeito: "E così la superstizione - quello che noi, eredi del Positivismo dell' Otiocento, chiamiamo superstizione di un' epoca, cioè l' Astrologia Gúdziliaria medievale - può avere rappresentato l' aspetto scientifico di quella época. Il problema dell' importanza e dei significato dell' Astrologia della scuo-

la bolognese e padovana del XIV secolo, da Cecco d' Ascoli a Pietro d' Abano fino a Biagio Pelacani da Parma, costituisce uno dei problemi piú complessi della Storia della Filosofia e della Storia della Scienza; e non solo del XIV secolo, a cui Biagio appartiene. Como ha osservato Trevor-Roper, non bisogna dimenticare che il dialogo tra superstizione e ragione non é stato sempre lo stesso nei secoli. Non solo: certi testi prendono per il lettore moderno un senso che non avevano nel loro tempo, una portata concettuale e filosofia che non avevano per il pensatore di allora." (1979, p. 12).⁴

Com efeito, no pensamento de Biagio, a influência exercida pelas estrelas sobre a vontade e o comportamento humano é apenas uma expressão do determinismo universal dos fenômenos. Todos os acontecimentos são considerados então necessários e inevitáveis: "Tudo o que acontece, acontece por necessidade e é inevitável, e esta verdade não pode ser refutada." (Qu. De Anima, ed. 1974, p. 136).⁵ A seguir, Biagio cita o pensamento de filósofos (Platão), cientistas (Tolomeu) e teólogos que justificam o postulado do determinismo universal.

Aplicando tal princípio ao estudo da vontade humana obtém-se que qualquer volição é ato natural e inevitável, pois - conforme afirmam os astrónomos e principalmente Tolomeu - o mundo inferior (a terra) é sujeito às configurações do mundo superior (o céu) e desse depende. Os astros são causas naturais ("Naturalia Agentia"), cujos efeitos são inevitáveis. Todavia, o homem não recebe passivamente essa determinação. Sendo um ser natural, constituído pela matéria, sua forma (material) possui "disposições" qualitativas que são mediadoras dos influxos astrais (vide também "Quaestiones Meteororum", I, qu. 1). Nesse sentido, a "liberdade" poderia ser definida como uma potência intrínseca à natureza material do ser humano.

CONCLUSÃO

Biagio representa uma entre as muitas "vivas" e interessantes figuras que se destacam na cena intelectual da Idade Média, contribuindo de alguma forma a por os fundamentos do pensamento moderno. Ativo membro de uma instituição peculiarmente medieval como a Universidade, contemporaneamente foi o precursor de uma mentalidade nova baseada no espírito científico. Filósofo natural e lógico foi ao mesmo tempo também adepto entusiasta da Astrologia. Esses aspectos que poderiam parecer antitéticos aos nossos olhos e que compõem sua personalidade e sua história intelectual, na realidade são expressão da vivacidade e da complexidade cultural de uma época que - injustamente e univocamente considerada como um período de estagnação e de involução intelectual - está sendo redescoberta no seu efetivo valor pela historiografia contemporânea.

Contra uma visão maniqueísta da História da Ciência que realiza uma separação rígida entre o que seria o pensamento 'morto', fruto da crença e da superstição, e o saber que seria científico e verdadeiro fator do progresso do conhecimento, é preciso lembrar que - conforme frisam Federici Vesco-vini (1979) e Eugenio Garin (1967), grande parte dos fundamentos da ciência moderna encontram-se exatamente nas obras escolásticas e nos textos das aulas considerados como filosóficos. Tais textos, de grande interesse para a historiografia da ciência, são muitas vezes menosprezados pelos historiadores da filosofia, por serem relatos de cursos de Medicina e Astrologia e, ao mesmo tempo, desconsiderados pelos historiadores da ciência, por serem 'filosóficos'.

⁵ "Quod quicquid eveniet, de necessitate et inevitabiliter eveniat, non potest evidenter reprobari."

REFERÊNCIAS

- Garin, E. (1967), Relazione di sintesi, "*Atti del Primo Convegno Internazionale di ricognizione delle Fonti per la Storia della scienza italiana. I secoli XIV-XVI*", Pisa, Domum Galileana, (1966), pp. 279-296.
- Pelacani, B. Quaestiones Perspectivae, Livro I, Quaestiones 1-10. Em F. Alessio (Org.), (1961), "*Rivista Critica di Storia della Filosofia*", vol. XVI, pp. 79-10; pp. 188-221.
- Pelacani, B. Quaestiones Perspectivae, Livro I, Quaestiones 14-16. Em G. F. Vescovini (1961), "*Rinascimento*", vol. XII, pp. 163-223.
- Pelacani, B. Quaestiones De Anima". Em G. F. Vescovini (Org.), (1974), "*Accademia Toscana di Scienze e Lettere La Colomba: Studi*", vol. XXX, pp. 55-168.
- Vescovini, G. F. (1965), *Studi sulla Prospettiva Medievale*. Torino: Giappichelli.
- Vescovini, G. F. (1979), *Astrologia e Scienza*. Torino, Vallecchi.

Recebido em 07.12.1990
Aceito em 30.06.1992